

Fato marcante do ano agrícola de 1951/52, em São Paulo, está sendo o aumento do uso de adubos, inseticidas e máquinas agrícolas. Confrontando-se a quantidade vendida desses elementos neste ano a dos anos anteriores, constata-se que de fato ocorre grande incremento no seu uso. Não se dispõem de informações precisas sobre o montante dessas vendas, pois nossas estatísticas não abrangem esses itens; todavia, a situação segundo informações prestadas por pessoas perfeitamente idôneas, profundas conhecedoras do comércio desses produtos é a seguintes:

No campo dos inseticidas, calcula-se que este ano tenham sido aplicados 35.000 t de misturas, além de 5.000 t de B.H.C. O aumento foi, pois, considerável em relação ao ano passado, quando a aplicação de ambos atingia apenas 15.000 t. A julgar por esses números, pode-se afirmar que a situação da lavoura de algodão já se mostra satisfatória no que diz respeito ao combate as pragas, porquanto com este volume de inseticidas, cerca de 233.000 alqueires ou seja mais de 42% da área total do Estado podem ter sido tratados com a média de cinco tratamentos.

No que diz respeito à adubação, os progressos também foram notáveis. A importância de adubos, que em 1948 foi de 65.000 t passou a cerca de 250.000, em 1951. A produção nacional de fosfatos, cloreto de potássio e farinha de ossos atingiu cerca de 50.000 t. Ainda que por parte desses adubos tenham ficado em estoque pode-se calcular que as vendas tenham chegado a 300.000 t, devido as misturas de torta e outras materias com que esses adubos são vendidos. As culturas que mais se aproveitam desses adubos foram, pela ordem de importância, o café, a cana de açúcar, a batata, o algodão e o tomate.

No setor da mecanização também houve progresso; calcula-se que tenham sido vendidos cerca de 3.000 tratores agrícolas, com os implementos necessários.

Sendo o aumento do uso de adubos, inseticidas e máquinas uma característica da agricultura intensiva e racional, devemos indicar se o aumento ^{que} ora se constata em São Paulo não será indício de que a nossa agricultura tenha entrado numa fase de grande evolução técnica.

A primeira vista tal interpretação parece ser correta. É aliás o que se pode depreender do fato das fabricas e das firmas importadoras e distribuidoras desses produtos estarem dispostas a ampliar, em grande escala, os seus negócios. Não fôsse a certeza que para os proximos anos nossa agricultura irá consumir ainda maior volume, eles não se aparelhariam dessa forma. Além disso, os resultados obtidos com o emprego desses elementos tem sido tão favoráveis para as culturas de café, algodão e outros, que é de se esperar que eles passem a usá-lo com intensidade cada vez maior.

Todavia, quando melhor se analisa a questão, surgem dúvidas quanto ao caráter permanente dessas modificações. Já dissemos em numero anterior (A Agricultura em São Paulo nº 9) que a relação entre os preços do adubo e os dos produtos agrícolas erande molde a incentivar maior uso de adubo. O mesmo deve ocorrer naturalmente, com as inseticidas e as máquinas agrícolas por se tratarem de produtos importados, que não sofrem os efeitos da inflação, desde que o nosso câmbio se mostra estável. De modo que é justo admitir-se que a situação dos preços vindo a se normalizar, haverá uma diminuição de emprego desses elementos e conseqüente volta dos agricultores a métodos mais rotineiros de exploração. Além disso não se constata modificações nos métodos e na estrutura interna de nossas explorações agrícolas. Continua o afluxo de trabalhadores braçais do Nordeste, o que dificulta o maior emprego de máquinas; e a nossa agricultura ainda não fez progresso no sentido de estabilizar as culturas em suas regiões num sistema de rotação da cultura e do combate à erosão, sistema esse que implicaria no uso constante de uma certa quantidade de adubo.

Se o aumento que se constata, êste ano, no uso de adubo, inseticidas e máquinas deve-se mais a uma questão de relação de preços do que de modificações propriamente de nosso sistema de cultivo, então não se pode aceitá-lo como índice de uma nova fase de evolução. Será mais justo interpretá-lo como um passo preliminar a essa evolução técnica, em que os agricultores tendo contato com êsses elementos de racionalização venham se convencer das vantagens de seu emprego e resolvem, por isso, modificar a sua organização e os seus métodos a fim de usá-los convenientemente e em caráter permanente.